

Sarney: falência do modelo político inibe ação do Estado

BRASÍLIA — O Presidente José Sarney disse ontem que a falência do modelo político brasileiro torna inevitável a limitação da ação assistencial do Estado às áreas de Saúde, Educação e Segurança. Gera também a necessidade de um maior rigor no cumprimento do programa de contenção do déficit público e obriga a um menor sacrifício da população que, na sua avaliação, não pode mais ser penalizada com impostos destinados a um modelo que corroeu as finanças públicas.

Sarney afirmou ter recebido o Governo nessa situação e que tem se empenhado para modificá-la.

O desabafo do Presidente foi feito no programa semanal "Conversa ao pé do rádio". Ele contestou a versão de pessimista, dada por alguns órgãos de imprensa e setores políticos ao discurso que pronunciou no início desta semana para estagiários da Escola Superior de Guerra, no Palácio do Planalto, e no qual afirmou que o modelo político brasileiro chegou à exaustão. O Presidente reiterou, no programa esse diagnóstico, mas sustentando que as estruturas econômicas estão sólidas, mantendo o País com índices crescentes na balança comercial e na produção agrícola.

— Mas se na área econômica nós conhecemos grandes avanços, o mesmo não tem acontecido na área política. Daí a minha afirmativa de que a crise é política, é uma crise de Estado. O Estado brasileiro não tem mais condições de manter, mediante

subsídio, um modelo industrial e economicamente baseado não na qualidade, nas leis de mercado, nos melhores produtos, e sim na base do subsídio — afirmou o Presidente.

Sarney reclamou da oposição sistemática de setores contrariados com a sua determinação em modificar esse quadro de crise, aos quais responsabiliza pela "maior campanha que um Presidente já sofreu em nossa História". O Presidente afirma ser alvo de oposição ferrenha por ter tido a coragem de investir contra o empreguismo e o paternalismo, por ter cortado subsídios e por ter imposto uma política pessoal austera, com corte de despesas, ao lado da implantação de uma moderna política industrial.

— Isto, sim, é que é novo. Portanto, nada mais otimista do que o discurso que fiz. E que o Brasil é tão forte e poderoso que resiste a problemas dessa natureza. O Brasil está íntegro, o Brasil está próspero — afirmou.

Sarney afirmou em seguida que, mesmo otimista, não pode deixar de reconhecer que o modelo político falido impõe ao País um quadro partidário frágil que divide, com um Estado debilitado, o espaço da crise.

Depois de citar números para respaldar o crescimento econômico do País, que fixou em 21 por cento, Sarney insistiu em condenar o aumento dos impostos como estratégia de superação da crise, defendendo a limitação do Estado às suas atribuições essenciais.